

**Francesco Buzomi e Francisco de Pina no
VietNam do Sul: Fragmentos de um paradigma
religioso-cultural imperial**

Regina Célia de Carvalho Pereira da Silva
Università degli Studi di Napoli l'Orientale, Itália

Resumo

A presença de missionários em terras de ‘Annam’ remonta aos meados do século XVII, pouco sabemos sobre a acção dos primeiros europeus que chegarão aquelas terras se bem que, ultimamente, quer Roland Jaques quer Isabel Mourão tenham começado a abrir algumas janelas da história e cultura daquela região do Extremo Oriente. As grandes dificuldades que viviam as missões jesuítas japonesas estimulavam as autoridades religiosas de Macau a enviar os missionários para novas regiões. A nossa pesquisa tem como *focus* a acção inicial e isolada de dois jesuítas, um italiano e outro português, que enfrentaram não só adversidades religiosas, culturais, políticas mas souberam ultrapassar a grandíssima dificuldade que constituía o não conhecimento da língua e das tradições quotidianas inerentes àquele povo de tal modo que, ainda hoje, são identificáveis tais características no húmus da convivência diária. A presença de F. Buzomi na província de Pulocambì e aquela de F. de Pina a Cachão representam as raízes da missão cristã e da cultura ocidental no Vietnam, até então sob o domínio do Império Chinês.

Palavras-chave. Cochinchina; jesuítas; jurubaça; alfabeto vietnamita; latinização; *quốc ngữ*.

Abstract

Risale agli albori del secolo XVII, la presenza dei missionari in terre di 'Annam'. Poco si conosce sull'azione dei primi europei che ivi sono arrivati nonostante, recentemente, Roland Jaques e Isabel Mourão abbiano cominciato ad aprire alcune finestre sulla storia e la cultura di quella regione dell'estremo Oriente. Le grosse difficoltà succedute in terre giapponesi stimolavano le autorità religiose di Macao a inviare i missionari verso terre nuove. La mia ricerca riguarda esattamente l'azione iniziale e isolata di due gesuiti, un italiano e l'altro portoghese, che oltre ad affrontare le avversità religiose, culturali, politiche, hanno saputo superare le enormi difficoltà linguistiche poiché non dominavano la lingua locale. Infatti, ancora oggi sono riconoscibili tali caratteristiche nell'humus della convivenza quotidiana vietnamita. La presenza di F. Buzomi a Pulocambì e quella di F. de Pina a Cacián rappresentano le radici della missione cristiana e della cultural occidentale in Vietnam fino ad allora sotto il dominio dell'Impero Cinese.

Parole-chiave. Cocincine; gesuiti; *jurubaça*: alfabeto vietnamita; latinizzazione; *quốc ngữ*.

“(…), *culture is not monolithic (…),
and is not the exclusive property of East and West,
or of small groups of men and women.*”
(Edward Said, *Orientalism*, 1993)

Tendo presente o estado atual dos estudos coloniais e pós-coloniais assim como a realização do Colóquio Internacional cuja temática é exatamente a *Lusofonia Pós-colonial*, o presente estudo pode ser considerado como sendo *de tempore* ou até provocatório. No entanto, esta pesquisa nasce da real necessidade de conhecer, ler e reler num sentido lusófilo¹ as origens histórico-culturais da cidade de Ho Chi Minh praticamente ignoradas entre nós ou identificadas quase exclusivamente com a velha Saigão de domínio colonial francês² ou ainda com a guerra de resistência feita contra a ocupação europeia (1945-1954) que terminou com a vitória do Vietminh³, com a afirmação da independência e da identidade nacional.

A República do Vietname adota esta denominação apenas em 1804, ano no qual Gia Long (fundador da dinastia imperial dos Nguễn) elimina a dinastia Tây Sơn, unifica o território e assume a condição de Imperador. Precedentemente o país era governado pela dinastia Lê e cognominado pelos próprios habitantes como *Đài Việt*⁴, nome ausente nas fontes europeias antigas que o designam como Annam⁵ ou mais frequentemente como Cochinchina e Tun Kin⁶.

É apenas na segunda metade do século XIX que as tropas francesas começam a conquista do Vietname, no entanto, a presença de europeus nesta região da Península da Indochina data dos finais do século XVI. O domínio francês e a forte ênfase dada, de modo quase exclusivo, à presença de P. Alexandre de Rhodes (1591-1660) no século XVII, ofuscaram a ação de outros missionários europeus realizada neste país.

Os estudiosos⁷, no entanto, têm vindo a desvendar novos factos históricos daquele período dos quais surgem novas informações que revolucionam a história cultural local. É neste contexto que se situa este

trabalho que quer ser, simplesmente, um contributo para a clarificação do passado deste país e, ao mesmo tempo, contribuir para uma releitura dos modelos históricos de carácter religioso e cultural. A pesquisa realizada focaliza-se exclusivamente na chegada dos primeiros missionários europeus ao Dai-Viêt do Sul, a Cochinchina. É pois, impossível não partir da análise de fontes de natureza histórica e obviamente que a metodologia utilizada contempla a chave de interpretação indicada por Edward Said e definida como ‘círculo’⁸, isto é, a relação existente entre efeitos e resultados do colonialismo.

Em 1433 o Reino de Annam era governado por duas cortes reais: a Corte do Norte – Đàng Ngoài (Tonkin o Tongking) de Kéchô hoje Hanói e a Corte do Sul – Đàng Trong (Sikin o Siking) na cidade de Taiking, apesar disso quer o povo do norte quer o do sul gostavam de se identificar como uma única nação o ‘Dai Viêt’, expressão sino-vietnamita que significa ‘povo ilustre’ e, portanto, como tal se apresentava na corte chinesa.

Tomaram os reis naturaes todo o bem das leis e costumes dos chinas, pela vizinhança que com eles têm, aprendem suas letras suas leis, permeiam com graus e rendas os avantajados estudos. Também nas armas guardam suas leis, e nas seitas os seguem, ainda que se prezem o ser gente mais bem inclinada e desejosa da salvação...⁹

Em 1520 e durante todo o século XVI, a dinastia Mạc estabeleceu-se em Hanói enquanto a sul se encontram os Trinh e os Nguyễn pertencentes a Thanh Hoà. Estes desejavam restabelecer a ordem precedente no país proporcionando o regresso da legítima dinastia - Lê - da qual se consideravam descendentes. Assim, durante o ano de 1590, o exército dos Nguyễn ajudou os Trinh a expulsarem a dinastia Mạc em direção da fronteira do norte onde dominava a dinastia Ming chinesa. Como consequência iniciam uma série de guerras entre os Trinh, que se fixam no norte e os Nguyễn do sul tendo como objectivo a unificação do país que vão até 1650. Ambas as etnias lutavam em nome do rei Lê chamado *Vua*

mesmo se eram governados pelo *Chua* que decretava leis e proclamava medidas políticas.¹⁰

É neste contexto de guerra civil que os europeus entram na Cochinchina (designação atribuída pelos mercantes portugueses¹¹), terra que, devido à sua localização marítima e vizinhança ao império chinês, para além das riquezas que possuía, atraía muitos mercadores principalmente os portugueses, japoneses e chineses. Os lusitanos, de modo especial, tinham desenvolvido relações comerciais e técnico-militares com os Nguyễn que, por seu lado, precisavam de armas para poder continuar a defender o seu território. Tradicionalmente, as autoridades vietnamitas não encorajavam as trocas comerciais, especialmente feitas por mar. Se Malaca e Sião faziam parte do círculo do comércio do Sueste Asiático (confirmado por Tomé Pires) já o mesmo não acontecia com o Vietname. No entanto, nos inícios do século XVII, este país aparece como um dos principais estados comerciais, na lista¹² dos contactos do sudeste asiático japonês. É exatamente neste tempo que, segundo Anthony Reid¹³, nasce a Cochinchina, num período de grandes transformações políticas internas e abertura às redes comerciais existentes. São estas as condições favoráveis para a criação de uma conjuntura nova que conduz a região da Cochinchina em poucos anos para uma autonomia forte que vai garantir por um lado, a sua independência relativamente ao Tun Kin e por outro, a sua expansão para terras do Champà no sul.

Além disso, o facto de os holandeses terem tentado penetrar na Cochinchina em 1630 estabelecendo contactos com os Trinh, no só com a desculpa da ajuda militar mas tentando também oferecer o protestantismo como contraposição ao catolicismo, apesar de não terem conseguido penetrar no reino dos Nguyễn, constituía um elemento importante para Macau pois afastava-os das águas macaenses e anulava a ameaça da invasão holandesa de Malaca. Como se sabe, a presença holandesa nas águas asiáticas era motivo de grande instabilidade e insegurança para o domínio português.

Os navios portugueses chegaram à Cochinchina em 1550, mas o maior impacto no comércio local aconteceu em 1567 quando o Impera-

dor Ming emite nova ordem e permite o comércio com os países do sul asiático (mesmo se o comércio direto com os japoneses ainda não era permitido).¹⁴ Os mercantes que iam comerciar à Cochinchina levavam prata para trocar por todo o tipo de mercadorias¹⁵. Nos inícios do século XVII o rei da Cochinchina permite aos japoneses e chineses que ali comerciavam de se fixarem numa cidade, o mesmo ofereceu aos portugueses que, no entanto, não se fixaram mas a utilizaram como ponte de passagem e troca de mercadorias, visto que Macau distava apenas oito dias de viagem. Assim, a Cochinchina começa a desenvolver um claro sentido de identidade regional que a distinguia em particular do Tun Kin. O acolhimento feito aos imigrados nesta região provocava a redescoberta e fascínio da cultura típica do Cham (Cachão) que no século XI sob a dinastia dos Lý os unia.¹⁶ Todavia, a participação da maior parte da população durante este século na guerra entre as duas regiões, não permitiu o desenvolvimento de uma literatura local ou divulgação de contos, histórias, etc. Assim, os livros de Christoforo Borri e aquele de Samuel Baron são as primeiras narrativas que revelam as características do Dait-Viêt da época.¹⁷

Normalmente, quer as embarcações portuguesas que vinham de Macau ou de Malaca quer as castelhanas que saíam de Manila, tinham entre a sua tripulação um capelão que durante a viagem (3 ou 4 meses) lhes administra os sacramentos. Ora, tais sacerdotes sentiam-se obrigados apenas a servir os senhores, portugueses ou espanhóis, não se preocupando com a evangelização dos territórios onde passavam e muito menos com aprendizagem das línguas daquelas gentes. Tanto que, Christoforo Borri¹⁸ declara que um destes sacerdotes de nacionalidade castelhana publicou inclusivamente um livro *Viage del Mundo* (Madrid, publicado nos anos 1614, 1616 e 1691) onde declara ter catequizado e batizado a Princesa da Cochinchina Mai Hoa, irmã do Rei Lê Thế Tông (1573-1599) e outras damas de companhia¹⁹. No entanto, continua Borri, tal não podia ser porque quando os jesuítas se apresentaram naquela corte, a rainha nunca tinha manifestado o desejo de ser cristã ou de conhecer o cristianismo. A mesma perplexidade manifesta António Cardim²⁰:

Em Portugal achei um livro feito por um clérigo castelhano que diz que fora a Cochinchina, o que bem podia ser; mas são taes as historias que nelle conta, que não se lhe pôde dar credito.

De facto, trata-se de um episódio sem qualquer alusão quer na historiografia ocidental quer naquela vietnamita.

Os primeiros missionários europeus a entrarem na Cochinchina com o fim de introduzirem um novo modelo religioso foram três frades franciscanos de origem castelhana, provenientes de Manila passaram pelo Convento Franciscano Macaense²¹ e chegados à Cochinchina foram recebidos pelo Rei Mạc Mậu Hợp (1562-1592). Eram estes missionários: Diego de San José (?-1590) nascido em Oropesa de Toledo em 1583, que foi enviado como superior da missão deixando as Filipinas e viajando em direção do Annam e China, acompanhavam-no os frades Francisco de Montilla, Bartolomeu Ruiz e Ortiz Cabezas, e os irmãos: Diego Jimenez, Francisco Villarino, Cristobal Gomez e Manuel de Santiago²². Frei Diego foi feito prisioneiro na ilha de Hainan onde, depois de sobreviver a uma violenta tempestade, o barco onde viajava atracou. Valeu-lhe a ajuda do seu amigo jesuíta Matteo Ricci, missionário na China, que o libertou e enviou para Macau. Voltou para Manila em 1585 e morreu em Acapulco. Assim, devido às várias adversidades político-sociais e ao facto de não falarem a língua local, não obtendo conversões abandonam a região.

Em 1596, chegam à Cochinchina dois agostinianos portugueses que habitavam numa casa em Cachão, porém uma desavença tida entre um cristão e um soldado de um mandarim importante obriga-os a abandonar tudo e voltar para Macau.

A situação de evangelização daquelas terras preocupava o bispo de Malaca, pois era território da sua jurisdição, por isso, por volta de 1610, envia vários prelados com o título de vigários. No entanto, o resultado foi nulo, pois um foi para Macau e os outros limitaram-se a desempenhar o cargo de capelães nos barcos dos mercantes portugueses²³.

Paralelamente a estes acontecimentos, a igreja do Japão encontrava-se sob uma forte onda de perseguições, sobretudo entre 1598 (morte

do monarca Taicosama) e 1614. Muitos japoneses cristãos procuraram refúgio em Macau ou na Cochinchina enquanto os missionários regressavam a Macau. Um nobre português, morador em Macau, Raphael Carneiro de Siqueira²⁴, também teve um papel importante na abertura da missão na Cochinchina visto que agia como intermediário entre o rei, os mandarins cochinchinenses e os padres de Macau, os quais informava sobre as qualidades acolhedoras daquele povo indochinês. O nobre Fernando da Costa que visitou Macau em 1614, de regresso da Cochinchina descreve ao Reitor P. Manuel Dias, as características daquele reino, atraindo, ainda mais, a atenção dos padres.

Tais eventos aceleraram a abertura de novas missões, a primeira é a da Cochinchina para onde se parte com a ideia prioritária de cultivar os japoneses cristãos que aí se tinham refugiado. O Provincial do Japão, P. Valentim de Carvalho envia assim os primeiros jesuítas: P. Francesco Buzomi (1576-1639) italiano acompanhado pelo português Padre Diogo Carvalho²⁵ (1578-1624) que se deveria ocupar dos cristãos nipónicos visto que tinha estado no Japão e conhecia bem a língua. Eram acompanhados por três irmãos coadjutores, o português António Dias (1585-?) e os japoneses Tsuchimochi José e Saitō Paulo. Iam também alguns *dojukus*²⁶ japoneses, entre eles Nishi Tomé.

Francesco Buzomi nasceu em Génova mas foi educado no Colégio de Nápoles (1592), foi procurador durante dois anos no Colégio de Lecce (Itália) e ensinou teologia em Nápoles (1603-1607), em 1609 era ministro na casa professa napolitana e nesse mesmo ano partiu de Lisboa para Oriente, no dia 23 de março com a nau Nossa Senhora da Piedade. Em Macau ensinou Teologia durante cinco anos.

Aquelle [F. Buzomi] largando a cadeira de Theologia, que com grande aceitação lia em Macau foyfe fazer dicipulo, & aprender a falar barbaro; para doutrinar aquelles naturaes, & lhes enfiar o caminho, para verem, de gozarem de Deos eternamente.²⁷

Inicialmente, Diogo de Carvalho permanece em Fayfô (Hôi An) e Francesco Buzomi em Turão (Đa Nang) onde encontrou o vigário Francisco da Costa que vivia com os japoneses²⁸, constroem uma igreja e pouco depois Buzomi desloca-se para Cachão²⁹ (Quang Nam), capital da Província. Um ano depois Diogo de Carvalho parte para o Japão, é substituído por P. Pedro Marques³⁰ (1577-1657) que chega à Cochinchina como capelão de uma embarcação dos portugueses estabelecendo-se em Fayfô. Em finais de 1617 meados de 1618 parte de Macau Cristoforo Borri (1583-1632) enviado para administrar os sacramentos aos portugueses que se encontravam em Turão³¹.

Francesco Buzomi não conhece a língua local e por isso tem muitas dificuldades em estabelecer um contacto direto com a população o que dificultava imenso a evangelização. No Cachão encontrava-se a corte real³² de Sinoà, Buzomi é convidado pelo governador de Pulocamby³³ (Qui Nhon), província de Bình Định, para habitar no seu palácio onde funda a primeira residência da Companhia de Jesus³⁴. Apesar desta demonstração de confiança, os intelectuais e sacerdotes locais, vendo a própria situação social em perigo pois os padres tornam-se confidentes reais, atribuem-lhes responsabilidades sobre as desgraças naturais, por exemplo, o facto de não chover e haver grande seca era devido à presença dos padres e da sua religião. Esta situação estimula as autoridades locais a perseguirem ou expulsarem os missionários e cristãos. Durante este período P. Francesco Buzomi adoece gravemente em Fayfô, onde o chefe dos japoneses não cristãos se tinha unido com os holandeses que planeavam a sua expulsão. Francesco Buzomi foge para o Camboja³⁵. Regressando, em 1633, André Palmeiro Visitador da missão cochinchinense designa-o como superior da Cochinchina, de onde é expulso novamente. Depois de ter exercido este cargo durante três anos é chamado para a Congregação Provincial de Macau (1638). Falece no dia 1 de Julho de 1639.

As notícias sobre as perseguições feitas aos padres na Cochinchina chegam a Macau e o Padre Provincial decide enviar reforços, isto é, outro padre mais jovem que aprendesse a língua e não tivesse necessidade da ajuda de um intérprete. Foi escolhido um estudioso de Teologia Divina

e portanto antigo discípulo de Buzomi em Macau, P. Francisco de Pina (1585-1625) português, acompanhado por Iyo Tokun Sixto e Constantino Dourado jesuítas japoneses, partiram no dia 5 de Janeiro de 1617. Três meses mais tarde, chega também António de Sousa para ajudar nas tarefas domésticas.

Francisco de Pina, natural da Guarda entra para o Colégio jesuíta de Coimbra em 1605, três anos mais tarde deixa Lisboa a bordo da nau Nossa Senhora do Vencimento com destino ao Japão. Foi ordenado sacerdote, em 1616, já no Oriente em Malaca pelo bispo Gonçalo da Silva³⁶. No Colégio de Macau ensinou Arte e Teologia, onde conheceu Cristoforo Borri. Viveu muitos anos em Cachão onde estudou, formou e evangelizou. Em 1625, o rei devido à grande perseguição, ordena que todos os missionários se reúnam em Fayfô, onde o perigo era menor³⁷ pois ali viviam os estrangeiros (japoneses e chineses). Apesar desta medida, no dia 15 de dezembro os padres são expulsos. Francisco de Pina obedece ao Superior e ao Rei e dirige-se para uma embarcação portuguesa que devia chegar à baía de Đàng Nẵng (ou porto de Ciampeilô) onde se encontrava uma barca local com destino ao Camboja, mas houve tal tempestade que virou a pequena embarcação, todos se salvaram menos ele, talvez devido ao enrodilhar-se das roupas³⁸!

Quando a situação quer material, pois não tinham meios económicos para sobreviverem, quer espiritual se tornou mais difícil, visto que não se faziam conversões, os padres decidiram separar-se. Francesco Buzomi e Cristoforo Borri, com um intérprete regressam a Pulocamby para a casa jesuíta de Nuocman onde esperavam conseguir sobreviver com as ajudas dos portugueses, até que de Macau chegasse sustento, enquanto Francisco de Pina se deslocou para a cidade de Fayfô com a intenção de ser o pastor dos japoneses, a quem já tinha servido no passado, confiante na ajuda material deles. Mas como

... egli sapeva assai bene la lingua cocincinese e la favellava molto alla naturale, non lasciò mai di predicare la nostra santa fede.³⁹

Devido à facilidade com que falava a língua local, Francisco de Pina atraiu muitas crianças e obteve a estima de muitos letrados e mandarins pertencentes às classes superiores da sociedade cochinchinense.

Sin embargo, todos ellos predicaban valiéndose de un interprete, con excepción de padre Francisco de Pina, cuando a finales de diciembre de 1624 llegó el Padre Rhodes.⁴⁰

Quando o P. Visitador Manuel Fernandes decide ir à Cochinchina e ter um encontro com o Rei pois tinha sido avisado através de uma carta de Buzomi sobre a ameaça dos holandeses que comprometia a sobrevivência da missão da Cochinchina, serve-se de um tradutor, isto é, Francisco de Pina:

Serviva loro di lingua il P. Francesco Pina, che già l'aveva per i studio bastevolmente spedita; e li e il P. Fernandez, li se fece il re sedere a lato e solo uno scaglione più basso, in su dilicatissime stuoie dipinte, che sono i tappeti di quel paese.⁴¹

Antes da chegada dos jesuítas, a língua desta nação era muito semelhante àquela chinesa:

(...) La lingua usarvisi di due maniere, l'una volgar corrente, l'altro proprio dè Letterati, come fra noi la latina. Lo scrivere che si fa col pennello ni pugno ridotta a sol tre milla caratteri, che aggiunti loro gli accenti, e i tuoni multipli can le virtù del significato e bastano ad esprimere ogni concetto (...) Quanto poi si è favella la cocincinese si ha dagli esperti in essa per più ricca di voci della cinese, più armoniosa né tuoni, meglio battuta, e somigliante ad un recitare in musica.

Esta língua é de toadas, como solfa, e é necessário sabe-la solfar primeiro, depois aprender as letras.⁴²

Na realidade, havia uma grande confusão quanto ao significado dos vocábulos locais utilizados pelos intérpretes, corresponderiam ou não uma real tradução! A maioria dos habitantes da Cochinchina conheciam apenas algumas palavras portuguesas, isto é, aquelas de que necessitavam para a troca, compra e venda de produtos, para além destas poderiam conhecer também as frases que os capelães das embarcações portuguesas tinham usado no passado para a evangelização. Ora, os línguas (intérpretes) locais estavam preparados para traduzirem os mercantes e não os padres. De facto, traduziam a pergunta:

- Queres tornar-te cristão?

com

- Queres tornar-te português?

Foi P. Francesco Buzomi, o primeiro a aperceber-se de tal erro. Durante a representação pública de uma comédia na qual um dos atores desempenhava o papel de um mercante português. Apresentando-se com uma máscara e uma grande barriga, alguém perguntava a um rapaz se queria tornar-se cristão. Nesse momento, abria-se a grande barriga do português e o rapaz respondia que sim e entrava na barriga, depois saía e era interrogado de novo, repetindo-se este jogo para divertimento dos espetadores. Então o falso português começava a dizer maravilhas sobre a sua falsa gravidez e todos se riam. Depois dava à luz o menino e dizia-lhe:

- Vai porque agora és cristão.

Segundo as fontes que consultamos, tal pergunta era feita utilizando a seguinte frase:

- Con gnoo muon baú tlon laom Hoalaom chiam? (escrita como se fosse português) [*Con nhỏ muốn vào trong lòng Hoa Long chăng?*]

- Que quer dizer filho pequenino quereis entrar dentro da barriga dos portugueses ou não? Buzomi, compreende que a pergunta do actor coincidia com aquela que o seu intérprete fazia quando ele perguntava se queriam ser cristãos. Ser cristão era interpretado como mudar de nação e não de religião. Assim, procura instruir os seus intérpretes modificando a frase em⁴³:

- Muon baú dau Christiam chiam?

[*Muốn vào đạo Christian chẳng?*]

- Quereis entrar na lei dos cristãos ou não?

O próprio Buzomi numa das suas cartas ao Padre Visitador declara:

Questa lingua è difficile perchè la sua significazione più se distingue per gli accenti che per le parole, che mie lunghe infermità e continua occupazioni, non mi hanno lasciato molto tempo per attendervi di proposito tuttavia già confesso libiram(en)ti li, ma nel catechismo uso sempre d'interpreti assistendogli io e suggerendogli di passo in passo quel che ha da diri e rindrizzandola se in alguna cosa si storce. E così quanto alla cartilha e autorità di quel che si dice, tanto vale quanto si parlassi io medesimo, e perli altra parti o dono gli ascoltanti la parola divina ben esplicata e pronuntiata nella sua propria lingua.⁴⁴

Pouco conhecedor do trabalho realizado pelos jesuítas no Japão e defensor de ideias nacionalistas escreve ainda em 1625:

...questa missione, sino adesso, è povera di operai come di tutto il resto; desiderano che uno o due padri de più giovani fessero applicati allo studio di queste lettere, come si fa nella China, per il molto bene che di ciò si tirarebbe, ma sino adesso non veggo per questo apparecchio alcuno...⁴⁵

Francesco Buzomi fazia-se acompanhar por André, *moço* que não tinha ido à escola e por Augusto como 'jurubaça' que o traduziam, no entanto, não tinam formação para discutir sobre seitas e religião. E mesmo se em Macau a política que se seguia era aquela do estudo das várias línguas nacionais para poder evangelizar diretamente os nativos, Buzomi não seguia a política imposta por Macau. Afirma Francisco de Pina:

...isto que é estudar a língua é sempre neste Cachão [que] é [sede de] Corte: fala-se bem e tem muito concurso de meninos estudantes, de quem podem ter ajuda os que começarem a aprender.

O Padre Superior este ano deu-se à língua, mas já está desesperado de a saber para começar a pregar. (...) O Padre tomou André, e com ele repetia duas vezes cada dia; mas se o Padre sabia que toada...o acento era aquele ou não, eu não sei.⁴⁶

De facto, Francisco de Pina formou vários moços que depois serviram de ‘jurubaças’ aos Padres, como é o caso do P. Pedro Marques e o Superior Manuel Fernandes, que tinha chegada à Cochinchina em 1622. Pina declara, de facto, que para si não são necessários mestres pois ele já sabe a língua.

[Os rapazes] também não querem estar aqui comigo, porque [os] não deixo estudar a não ser as nossas letras. Por isso, ou querem ir a Pulo Cambi e ficar com o Padre Busome que deixa estudar e dá mestre, ou querem estudar em suas casas. (...)

Para mim não são necessários, pois sei a língua; mas para os que vierem sendo principiantes, e para o diante, haverá trabalho...⁴⁷

Para Francisco de Pina era impossível evangelizar se não se conhecia a língua local, por isso, tenta chamar a atenção dos superiores de Macau para esta problemática começando a escrever uma carta que nunca chegou a enviar. Esta carta foi recentemente descoberta na Biblioteca da Ajuda de Lisboa e publicada por Roland Jacques⁴⁸. Trata-se de um manuscrito elaborado em meados de 1623 e dirigido ao Superior Jerónimo Rodrigues Sênior⁴⁹ que tinha sido missionário no Japão. Sabendo-o, Francisco de Pina utiliza o japonês como termo de comparação pois sabe que é uma problemática compreensível ao seu interlocutor. Nesse ano, a Companhia de Jesus tinha duas residências principais na Cochinchina: uma em Hôi An no Quảng e a outra em Quy Nhơn isto é Pulocamby, na zona de Bình Định; mais duas pequenas casitas secundárias: uma em

Kê Chàm e outra em Cửa Hàn. Na neo-missão jesuíta da Cochinchina viviam apenas oito missionários e a grande preocupação era, sem dúvida, a aprendizagem da língua local não só para os que já se encontravam naquelas terras mas sobretudo para aqueles que deviam chegar da Europa. Preocupava-se com a formação linguística daqueles que iriam evangelizar aquelas terras porque sabia ser necessário possuir os instrumentos necessários para facilitar o encontro entre a cultura cochinchinense e a ideologia cristã.

O P. Francisco de Pina, que fez o estudo da língua de Cochinchina, com tanta aplicação que a falava com toda a propriedade e graça; e depois foi mestre dos padres, que bem a souberam e de todos os que foram à Cochinchina.⁵⁰

Propõe aos seus superiores a utilização de mestres cochinchinenses embora pense que os missionários vindouros deveriam ser iniciados à língua local por um europeu que já a conhecesse bem. É este, um dos pontos mais polémicos levantados por Francisco de Pina pois não conseguia compreender a incapacidade revelada pelos seus companheiros em aprender a língua.⁵¹

...aqui hoje [só] se fala japonês ou português e mais nada de Annam. Em Pulo Cambi, se lá forem estudar, não têm quem os encaminhe por estes princípios, que são dificultosos... [Quanto a] isto que é estudar a língua [o sitio mais apropriado] é sempre neste Cachão [que] é [sede de] Corte... e referindo-se ao seu companheiro na Missão afirma: ... até [a]o dia de hoje [não] me perguntou uma só palavra; só quando o bicho não sabia alguma palavra, ou a significação dela dizia “Vai perguntar ao Padre”. (...) assim me disseram os Cristãos de Cachão, onde o Padre já foi algumas vezes, que ela não sabia mais que “Chẳng phải, ou phải”pasmados de em um ano inteiro não saber mais.⁵²

Para além de afirmar que Buzomi era bastante idoso para se dedicar à aprendizagem da língua⁵³, poder-se-ia esperar que Cristoforo Borri, que se interessava pela ciência astronómica e pela matemática⁵⁴, se desse ao trabalho de aprender a língua, mas antes pelo contrário. No entanto, e mesmo não tendo trabalhado para o desenvolvimento da latinização da língua, parece que Cristoforo Borri foi o primeiro a publicar a transcrição do alfabeto vietnamita. Na realidade, as suas relações e cartas tinham como finalidade contar apenas aos seus compatriotas os episódios⁵⁵ que tinha visto ou vivido no Oriente e que considerava interessantes, por isso transcrevia as palavras vietnamitas simplesmente com este fim.

Pelo contrário, Francisco de Pina trabalhou escrupulosa e ardentemente para a invenção e desenvolvimento da latinização da língua vietnamita, denominada *quôc ngũ* ou língua nacional. Apesar de quanto se possa afirmar e, na opinião de Roland Jacques, o nascimento da linguagem *quôc ngũ* é antes de mais fruto de um encontro histórico entre a língua vietnamita e aquela portuguesa, Pina tinha consciência de que proporcionava desta forma um encontro entre dois mundos culturais e duas formas de pensamento.

Eu já tenho feito um Tratadozinho sobre a ortografia e as toadas desta língua vou entrando pela Arte. (...) e confirmar as significações e regras até o dia de hoje tive que dar a alguém que mas lesse, eu escrevê-las letra portuguesa e para os nossos as poderem ler e aprender de cor...⁵⁶

Declara pois ter já começado a escrever uma gramática e um dicionário⁵⁷, certamente tendo como matriz os modelos europeus e não esquecendo quanto aprendido em Macau. O trabalho criativo e linguístico de Francisco de Pina apoia-se de modo especial em dois aspectos fundamentais: por um lado, o conhecimento de um certo número de textos em língua vietnamita escritos em *nôm* e que o missionário pedia a especialistas locais para lerem, de modo a sentir os vários sons e a transcrevê-los corretamente em caracteres latinos; e por outro lado, a sua bagagem cultural e linguística, por exemplo, o facto de ter tido contactos com

João Rodrigues⁵⁸, mais conhecido como Tçuzzu, isto é, o intérprete que conhecia bem o chinês e se opôs a Matteo Ricci sobre as questões linguísticas. João Rodrigues escreveu a *Arte da língua de Iapam*, publicada pelo Colégio de Nagasaki, em 1604-1608 e a *Arte breve da língua Iapoa tirada da Grande da mesma língua, pera os que começam a aprender os primeiros dela...* publicada pelo Colégio de Macau, em 1620, obras pelas quais Francisco de Pina estudou japonês e das quais se serviu para a romanização da língua da Cochinchina. Adoptando o mesmo método, o *romaji* japonês, baseia a sua transcrição fonética naquela já feita por João Rodrigues. Além disso, usa o sistema de anotação gráfica que já se encontrava estabelecido para a língua portuguesa, quer dizer que a referência fonética e gráfica utilizada para o vietnamita era a mesma utilizada para o português. Este sistema e metodologia foram seguidos mais tarde por P. Gaspar do Amaral (1592-1645), António Barbosa (1590-1647) que terão trabalhado num dicionário até hoje desconhecido e Alexandre de Rhodes que sendo cronologicamente o último, teve acesso aos trabalhos dos seus predecessores podendo publicar.

Durante a perseguição de 1632, feita aos cristãos no Reino de Ton Kin, houve grande destruição dos edifícios pertencentes à cristandade, principalmente da imprensa. Muitos dos livros adotados, até então, para a evangelização, quer na Cochinchina quer no Ton Kin, (que eram os mesmos que se usavam na China, escritos em chinês pelo P. Matteo Ricci) foram todos destruídos durante esse mesmo ano. Entre eles encontrava-se a *Apologia* em defesa da lei cristã escrita por Francesco Buzomi que segundo Sommervogel intitula-se *Trattato delle parole Xam Té e Tién Chú*⁵⁹. A necessidade da definição de termos característicos da religião cristã nasce também, das discussões filosófico-religiosas que os jesuítas tinham, desde o início da Missão, com sábios, filósofos (ông) e sacerdotes (bonzos, ông sãi) cochinchinenses. Alguns deles, ocupavam cargos políticos e sociais muito importantes, quer como letrados quer como mandarins. É o caso do ông sãi Tubin de Pulocamby que desafia P. Francesco Buzomi precisamente sobre a questão teológica cristã e Confúcio.

Mandandogli dunque una solenne disfida a pruova, ingegno con ingegno, legge con legge... il maestro Tubin (...) con dietro una comitiva d'oltre dugento scolari.⁶⁰

P. Francisco de Pina tem também problemas destes pois estando ele na Província de Cachão é desafiado por um discípulo de Tubin, também *sãi*⁶¹. É mediante o seu património cultural, linguístico de origem europeia e ‘interculturalizado’ na cultura oriental que ele quer persuadir o seu interlocutor, utilizando conceitos, noções e imagens cristãs acompanhado por uma explicação oral realizada através de uma transcrição feita em caracteres latinos, de maneira a ser compreendido pela população local, não só pelos mais instruídos.

Converteram-se três homens nas seitas desta terra Mestres, e cabeças (...) Um deles tem dois pagodes e freguesias. Um já feito com alguma renda e já os fregueses prometeram seguir o Mestre. (...) Converteu-se mais outra Senhora principal, e grande biconi e como cabeça dessas...⁶²

Sabe que tem ainda muito para aprender, sozinho e sem meios económicos pede ajuda ao seu superior:

Desde que vim a esta missão até agora sempre foi só no serviço da missão e nunca me atrevi a gastar nada com que me ajudasse, que se eu pagara a um Mestre que me ensinava a língua e as letras eu estivera hoje muito bastante obreiro, mas que isso nem sei letras que é grande manqueira, e da língua sei quanto minhas unhas esgravataram.⁶³

Na realidade, a transcrição linguística para Francisco de Pina era apenas um instrumento útil e eficaz para a nova religião introduzida na Cochinchina porque o cristianismo tinha que aceitar não só o confronto e o diálogo com um sistema cultural já existente, mas deveria aprender a gerir todas as situações que iria criar e construir. Todavia a importância da transcrição da língua vietnamita através do alfabeto latino é funda-

mental para a toda a população local, mas principalmente para os convertidos ao cristianismo que passam a ler em *quôc ngũ* e não em caracteres chineses. Com o passar do tempo, os católicos vietnamitas vão constituir um grupo social, cultural e ideológico á parte da comunidade nacional. Os missionários jesuítas foram agentes de mudanças culturais notáveis procuraram levar os valores igualitários do cristianismo, para uma sociedade já organizada onde encontraram grandes dificuldades de adaptação. Não se pode negar. Portanto, que o facto de os caracteres chineses usados durante séculos no Vietname terem sido transcritos em alfabeto latino desenvolveu um papel preponderante no desenvolvimento da identidade moderna vietnamita e a posição política económica atual que hoje reveste este país no mundo.

Nos finais de 1626, da missão da Cochinchina nasce a missão no Reino de Tun Kin com a ida do P. Giuliano Baldinotti ao qual, mais tarde, se juntam outros padres entre os quais Alexandre de Rhodes⁶⁴ que ia destinado a essa missão⁶⁵ e a quem é atribuída erradamente a fundação da missão do Tun Kin.⁶⁶ Somente após nove anos de presença de jesuítas nesta região, entra em cena Alexandre de Rhodes que aí permaneceu de 7 de dezembro de 1624 a Julho de 1626, e esta é outra história.

Notas

¹ Adoto aqui o conceito utilizado pelo escritor e jornalista Pedro Rosa Mendes.

² As expedições enviadas por [Napoleão III](#), a partir de [1858](#), para proteger as missões francesas principalmente a Sociedade para as Missões Estrangeiras de Paris, levaram ao estabelecimento de um [protetorado](#) no [Camboja](#) ([1863](#)). Com os tratados [de Saigão](#) ([1862](#)) e [Hué](#) ([1867](#)), a [Cochinchina](#), foi cedida à França. Em [1885](#), depois da [Guerra Sino-Francesa](#) e da consequente criação de protetorados no [An Nam](#) e no [Ton Kim](#), todo o país se tornou protetorado francês. Tais conquistas foram reconhecidas pela China com o [tratado de Tianjin](#) ([1885](#)). Nos anos de [1885](#) e [1896](#), uma sublevação nacionalista agitou o país, mais tarde integrado na [União Indochinesa](#) criada em [1887](#). Em 1907 conclui-se a ocupação total da [Indochina](#).

³ Em 1930, Ho Chi Minh funda o Partido Comunista Indochinês e em 1941 o Vietminh - Liga da Independência do Vietname – forças políticas de oposição à ocupação francesa.

⁴ Nas fontes chinesas este reino é denominado como *An Nam* (em *quôc*), nome imposto pelos soberanos chineses em 1571 e utilizado mais tarde pela administração colonial francesa.

⁵ Como por exemplo na Carta anual da missão da Companhia de Jesus, 1 de janeiro de 1626 intitulada *Annua da Missam de Annam, a que vulgarmente chamaõ Cochinchina*, in ARSI, coleção Jap/Sin, vol. 72, fls. 69-86v e na *Annua do reino de Annam do anno de 1632*, in ARSI, coleção Jap/Sin 85, fls. 125-14.

⁶ População de religião animista à qual se incorporaram no tempo o taoísmo chinês e a moral de Confúcio e séculos mais tarde o budismo hinayana. No século XVI, através do reino Champa, é introduzida a religião islâmica.

⁷ É em meados do século XX, que começam aparecer alguns trabalhos científicos de caráter histórico, sociológico e religioso sobre o Vietname, como é o caso do artigo *Servidores de Portugal no Oriente: dependências da missão do Japão* de José Maria Braga publicado na Revista macaense “Renascimento” em 1943; após 18 anos Monsenhor Manuel Teixeira

publica uma série de artigos intitulados *Os missionários portugueses no Vietnã*, no Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau e em 1977 *Missões portuguesas no Viêtnam e Relações comerciais de Macau com o Viêtnam*. Cinco anos antes o francês Pierre-Yves Manguin tinha publicado em Paris a obra *Les portugais sur les Côtes du Viêt-Nam et du Campa. Étude sur les routes maritimes et les relations commerciales, d'après les sources portugais (XVI^e, XVII^e, XVIII^e siècles)*, patrocinado pela École Française d'Extrême-Orient. Recentemente apareceram outros estudos mais especializados sobre a presença dos europeus no antigo Dai-Viêt, como é o caso dos trabalhos de Li Tana, *Nguyễn Cochinchina, Southern Vietnam in the seventeenth and eighteenth centuries*, publicado em 1998; de Juan Ruiz-De-Medina, *El jesuita Alessandro de Rhode sen Cochinchina y Tonkin (1591-1660)*, UCSC, Varese, 1998; de Roland Jacques, *Pionniers portugais de la linguistique Vietnamienne*, Banguécoque, 2002 e ultimamente o de Isabel Mourão, *Portugueses em terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kin) 1615-1660*, Macau, 2005 (estes últimos focalizam de modo especial a presença dos portugueses na história moderna do Vietname); e o de Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam, Christoforo Borri on Cochinchina and Samuel Baron on Tonkin*, publicado em 2006.

⁸ Said, Edward, *Orientalism*, 1993, p. XXIV. Afirma ainda E. Said: *Il mio metodo consiste nel prendere in esame, quanto più è possibile, le singole opere, leggendole dapprima come grandi prodotti dell'immaginazione creativa e interpretativa, e poi mostrandole come parte del rapporto tra cultura e impero. (...), anche a causa dell'imperialismo, tutte le culture sono intrecciate le une alle altre, nessuna è singola e pura, tutte sono ibride, eterogenee, straordinariamente differenziate e non monolitiche.*, in Said, W. E., *Cultura e Imperialismo, Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente*, Roma, Gamberetti Editrice, 1998, p. 7-24.

⁹ Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus, na Província do Japão*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 70.

¹⁰ Cf. Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam, Christoforo Borri on Cochinchina and Samuel Baron on Tonkin*, Ithaca New York, Southeast Asia Program Publications, 2006, p. 20-22.

¹¹ Para esta questão ver: Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam...* cit, p. 15-19.

¹² O *kai-hentai* (documento Okinawan), o qual confirma que chegavam mais embarcações mercantis a Đàng Trong do que ao Sião ou até mesmo ao Camboja.

¹³ Ver: Reid, Anthony, *Southeast Asia in the Age of Commerce 1450-1680*, New Haven, Yale University Press, 1988.

¹⁴ Cf. Tana, Li, *Nguyễn Cochinchina, Southern Vietnam in the seventeenth and eighteenth centuries*, Ithaca, New York, Southeast Asia Program Publications, 1998, p. 108.

¹⁵ “...tutti riportando nella Cocincina argento, per riportarne merci del paese; le quali non si compravano, ma si permutano co'l medesimo argento, che quivi si spaccia anch'esso come mercantia, valendo hor più, hor meno...” (Borri, 1631, p. 90)

¹⁶ Tana, Li, *Nguyễn Cochinchina, Southern Vietnam in the seventeenth and eighteenth...* cit, 1998, p. 102-103.

¹⁷ Cf. Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam...* cit, p. 22.

¹⁸ *Ibidem*, p. 99-100.

¹⁹ Trata-se do soldado viajador espanhol Pedro Ordonez y Cevallos que nasceu em Andaluzia na segunda metade do século XVI e morreu por volta de 1620/25. Na sua juventude começou a sua carreira militar que abandonou para se tornar sacerdote. Viajou pela América e Europa, quando regressa à pátria publica um livro sobre as suas viagens, in Caillaud, Romanet du, *Essais sur les origines du Christianisme au Tonking and dans les atures pays annamites*, Paris, Augustin Challamel, 1915, p. 83-84. O batismo da princesa devia-se ao seu desejo de se casar com Pedro Cevallos. Veja-se: Caillaud e Poncet, *La princess Marie d'Ordonez de Cevallos*, in “Bulletin des amis du vieux Huế” 4, Paris, 1941, p. 351-359 e Bonifacy Auguste, *Les débuts du christianisme en Annam des origines au commencement du XVIIIe siècle*, Hanói, Imprimerie Tonkinoise, 1926, p. 5 e Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam...*, cit, 2006, p. 138.

²⁰ Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus...*, 1894, p. 176.

²¹ Este convento encontrava-se sob a custódia do Convento Franciscano Filipino.

²² *Relación inédita de Fray Diego de San José sobre la mision franciscana a Cochinchina y su passo por China de 1583* e na *Expedition franciscana a Cochinchina y China de José Ignacio Tellechea Idigoras*, in “Archivo Ibero-Americano”, n. 209-12, 1993, p. 449-487.

²³ Cardim, *Batalhas da Companhia de Jesus...* cit., 1894, Cap. XXIII, p. 175-177.

²⁴ *Ibidem*, p. 178.

²⁵ Nasce na cidade de Coimbra, em 1578 e entra na Companhia de Jesus em 1594. Parte para o Oriente em 1600, vai para Macau de onde parte para o Japão. Em 1615 acompanha Francesco Buzomi na Cochinchina. Volta para o Japão um ano depois onde falece em Sendai, no dia 22 de fevereiro de 1624. Cf. Charlevoix, *Le christianisme au Japon 1542-1660*, Lille, L. Lefort, 1853 e L.- E. Louvet, *La Cochinchine religieuse*, vol. 1, Paris, Challamel Aue, 1855, p. 235.

²⁶ *Dojuku* ou *dôjucu*, *doxico*, *dôgico*, *dojuco*, *doyuqu*, isto é, ... *moços ou gente rapada que serve aos bonzos nas terras*. Ainda *dôxucu*, *vonaji yado*, que quer dizer *a mesma pousada ou pousar na mesma casa*. Cf. *El vocabulário da língoa de Iapoam*, Nagasaki, 1603, fl. 73-74. O *dojuku* era um estado de vida, não permanente mas ao qual podiam aceder somente os barões de cada família.

²⁷ P. Companhia de Jesus, *Noticias Summarias das perseguições da missam de Cochinchina, principiada e continuada pelos Padres da Companhia de Jesu*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal, 1700, p. 34. *Toccò al Padre Francesco Buzzhuomo Genovese, entrato nella provincia di Napoli nella nostra Compagnia e per alcun tempo lettore di Theologia in Macao...*, in Marini, P. G. F. de, *Relazione delle Missioni de p. della C. Gesù nella Provincia giapponese e precipuamente nel Regno di Tunchino*, Roma, 1663, p. 169.

²⁸ *Diogo Carvalho Japão 1 de Janeiro de 1620*, in ARSI, Jap/Sin., n. 34, fl. 167.

²⁹ Ou Cacham Kê Châm ou Kê Chiêm, onde se situava Faifô e Turão atualmente abrangidas na província de Quảng Nam - Đà Nang. Para outras informações sobre esta localidade consultar Roland Jacques, *Pionniers portugais...*, Bangkok, 2002, p. 225-226.

³⁰ Pedro Marques volta a Macau em 1620 para regressar sete anos mais tarde como companheiro de Alexandre de Rhodes.

³¹ Borri, Christoforo S. J., *Relatione della nuova missione delli PP. Della Compagnia di Giesù, al Regno della Cocincina, Roma e Bologna, Francesco Catanio, 1631, p. 117-119.*

³² Naquela época era o filho do rei que governava.

³³ Os jesuítas fundaram quatro casas na Cochinchina: Turão, Fayfô, Cachão e Pulocamby. Em 1617 Buzomi adoece, volta a Macau regressando à Cochinchina no ano seguinte.

³⁴ O superior desta residência era Pedro Marques que tinha sido chamado do Japão e enviado para a Cochinchina pelo Padre Visitador Francisco Vieira.

³⁵ Francesco Buzomi foi o primeiro fundador da cristandade no Camboja, em 1629, depois da ida de P. Pedro Marques sénior desterrado do Japão em 1616. Regressa a este país em 24 de janeiro de 1631.

³⁶ Visto que o bispo de Macau João Pinto da Piedade tinha ido a Lisboa (em 1613) e o bispo do Japão Luís da Cerqueira tinha falecido (1614).

³⁷ ARSI, Jap/Sin. 68 fl. 39-40v.

³⁸ Chappouille, Henri, *Aux origins d'une église. Rome et les missions d'Indochine au XVII^e siècle*, Vol. 1, Paris, Bloud et Gay, 1943, p. 23; Schütte, Joseph Franz, S.J., *Monumenta historica japoniae I, Textus Catalogorum Japonia, 1549-1654*, Roma, Monumena historica Societatis Iesu, 1975, p. 1271; Montezón, F. de e Ed. Estéve, *Mission de la Cochinchine et du Tonkin*, Paris, Charles Dounoil, 1858, p. 386.

³⁹ Borri, *Relatione.... cit*, 1631, p. 147.

⁴⁰ Favre Antoine, *Las religiones constituidas en Occidente y sus controcorrientes*, II, Madrid, Editions Gallimard di Henri-Charles Puech, 1987, p. 136.

⁴¹ Bartoli, Daniello, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù, La Cina, Terza Parte, dell'Asia*, Roma, Stamperia del Varese, 1663, libro terzo, parte seconda, p. 157.

⁴² Bartoli, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù, La Cina, Terza Parte, dell'Asia*, 1663, p. 614 e Jacques, Roland, *Pionniers portugais de la linguistique vietnamienne*, Bangkok, Orchid Press, 2002, p. 141.

⁴³ Cf. Borri, Christoforo S. J., *Relatione della nuova missione...*, 1631, p. 101-104.

⁴⁴ Carta de P. Francesco Buzomi maio de 1622, ARSI, Jap-Sin. 68a, 1622, fl. 1r.

⁴⁵ Carta de Francesco Buzomi ao Superior, Nuocman 12 de junho de 1625, in ARSI Jap/Sin, n. 68, fl. 36-36v.

⁴⁶ Jacques, Roland, cit., 2002, p. 135.

⁴⁷ Jaques, Roland, cit., *Carta de Francisco de Pina ao Rev. P. Jerónimo Rodrigues Sénior Visitador das Missões do Japão e China em Macau*, Faifó, 1623, 2002, p. 136-137, 138 e 143.

⁴⁸ Jacques, Roland, *Pionniers portugais...* cit, 2002, p. 127-133.

⁴⁹ Nasceu em Monforte, Elvas em 1567.

⁵⁰ Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus...*, 1894, p. 178.

⁵¹ Lach, Donald F., *Asian in the making of Europe, the century of discovery*, vol.1, Chicago, University Chicago Press, 1994, p. 357 e Jacques, Roland, *Pionniers portugais de la linguistique vietnamienne*, 2002, p. 140-143. Época na qual surge também a questão da controvérsia sobre os ritos religiosos (inícios do século XVIII-1767) que termina apenas com a expulsão definitiva dos jesuítas.

⁵² Jaques, Roland, cit., *Carta de Francisco de Pina ... cit*, Faifó, 1623, 2002, p. 136, 140-141.

Bicho= designava em Macau um rapaz, um orfão que desempenhava tarefas domésticas numa família.

Chảng phải, ou phải= não faz mal, tem....

⁵³ Borri, Christoforo, *Relatione della nuova missione... cit.*, 1631, Parte II, cap. 1.

⁵⁴ Cristoforo Borri permanece 5 anos na Cochinchina. Em 1622, abandona a vida religiosa e regressa à Europa. Durante a sua estadia em Portugal, estuda e ensina astronomia na Universidade de Coimbra. In Santos, D.

Maurício Gomes dos, *Vicissitudes da obra do P. Cristovão Borri*, “Anais” – Academia Portuguesa de História – n. 3, Lisboa, 1951, p. 129.

⁵⁵ C. Borri estudou os fenómenos naturais do eclipse da lua de 09/12/1620 e o do sol de 22/05/1621 e informou o Príncipe sobre as suas previsões e cálculos bastante corretos e em contradição com os resultados dos matemáticos do Reino.

⁵⁶ Jaques, Roland, cit., *Carta de Francisco de Pina... cit.*, 1623, 2002, p. 136.

⁵⁷ Estas obras foram utilizadas mais tarde por Alexandre de Rhodes (que foi aluno de Francisco de Pina no Colégio de Macau) e aperfeiçoadas por Gaspar do Amaral. O dicionário foi publicado por Rhodes, *Dictionnarium annamiticum, lusitanum et latinum*, Roma, S. C. Propaganda Fide, 1651.

⁵⁸ Nasceu em Sernancelhe em 1561 e trabalhou no Japão e na corte dos Ming como intérprete (1576-1594 e 1596-1610, ano no qual foi para Macau.

⁵⁹ Sommervogel, Carlos, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Tomo II, Bruxelles-Paris, Société Belge de Librairie, 1895, p. 476 e Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus...*, 1894, p. 103-104. Este texto da autoria de Buzomi é citado também pelo P. Dominique Gabiani (1623-1696) no seu manuscrito *De Ritibus Ecclesiae Sinicae permissis apogetica dissertatio. Pro Sacrae universalis Inquisitionis responsis ad quaesita Missionariorum Societatis Jesu Romae datis et autoritate Pontificia confirmatis anno domini de 1656*. P. Pasquale d’Elia declara que encontrou este manuscrito que define como tratado científico sobre o nome de Deus em língua chinesa, do ano 1622. D’Elia, P. Pasquale M. S.J., *Il contributo culturale dei missionari italiani*, Milano, Società Editrice ‘Vita e pensiero’, 1935, p. 24.

⁶⁰ Bartoli, Daniello, *Dell’istoria della Compagnia di Giesù...*, 1663, libro terzo, parte seconda, p. 152.

⁶¹ Assim chamam os nossos escritores ao bonzo da Cochinchina, especialmente da classe ilustrada. Em anamita *sai* é «guarda, porteiro», e *sāi nhà thò*, «guardião duma igreja». Thàji/ cá em anamita, thāj/ su’ em tonquinês, é a designação de «bonzo». O Padre Cardim emprega também *thay*. Cf. Dalgado, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-asiático*, Vol. 2, 1919, p. 272. Mestres = entendidos como bonzos, ông sâi; oũ sâi designação de

origem sino-vietnamita que Francisco de Pina usa referindo-se aos sacerdotes locais, isto é, ‘cabeças’ das comunidades religiosas, mestres, chefes. Biconi/bicuni = de origem sânscrita *bhiksuni* utilizada no Japão para designar uma comunidade monástica feminina. Utilizada por Pina e aproximada ao som vietnamita *bà cô ni*, designando monjas budistas ou bonzas de um certo nível.

⁶² Jaques, Roland, cit., *Carta de Francisco de Pina*, 1623, 2002, p. 134. Cf. Bartoli, Daniello, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù...*, 1663, libro terzo, parte seconda p. 151-155 e 159-170).

⁶³ Jaques, Roland, cit., *Carta de Francisco de Pina*, 1623, 2002, p. 138 e 144.

⁶⁴ Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam*, 2006, p. 32, nota 72.

⁶⁵ “Catalogo de Macao e missão de Cochinchina sojeita a este mesmo collegio, feita em junho de 1618”, in Schütte, Joseph Franz, S.J., *Monumenta historica Japoniae I, Textus Catalogorum Japonia, 1549-1654*, Roma, Monumenta historica Societatis Iesu, 1975, p. 782 e 1228.

⁶⁶ Cf. Bartoli, Daniello, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù...*, libro terzo, parte prima, p. 96-97 e 101-104.

Obras citadas

Bartoli, Daniello, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù, La Cina, Terza Parte, dell'Asia*, Roma, Stamperia del Varese, 1663.

-----, *Dell'istoria della Compagnia di Giesù, La Cina, Terza Parte, dell'Asia*, Firenze, Leonardo Ciardetti, 1829.

Bonifacy Auguste, *Les débuts du christianisme en Annam des origines au commencement du XVIIIe siècle*, Hanói, Imprimerie Tonkinoise, 1926.

Borri, Christoforo S. J., *Relatione della nuova missione delli PP. Della Compagnia di Giesù, al Regno della Cocincina, Roma e Bologna, Francesco Catanio, 1631.*

Caillaud e Poncet, *La princess Marie d'Ordonez de Cevallos*, in "Bulletin des amis du vieux Hué" 4, Paris, Augutin Challamel, 1941.

Cardim, António Francisco, *Batalhas da Companhia de Jesus, na Província do Japão*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894.

Chappouille, Henri, *Aux origins d'une église. Rome et les missions d'Indochine au XVII^e siècle*, Vol. 1, Paris, Bloud et Gay, 1943.

D'Elia, P. Pasquale M. S.J., *Il contributo culturale dei missionari italiani*, Milano, Società Editrice 'Vita e pensiero', 1935.

Dalgado, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-asiático*, Vol. 1 e 2, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.

Dror, Oga and Taylor, K. W., *Views of seventeenth-century Vietnam, Christoforo Borri on Cochinchina and Samuel Baron on Tonkin*, Ithaca New York, Southeast Asia Program Publications, 2006.

Favre Antoine, *Las religiones constituidas en Occidente y sus controcorrientes*, II, Madrid, Editions Gallimard di Henri-Charles Puech, 1987.

Jacques, Roland, *Pioniers portugais de la linguistique vietnamienne*, Bangkok, Orchid Press, 2002.

Lach, Donald F., *Asian in the making of Europe, the century of discovery*, vol.1, Chicago, University Chicago Press, 1994.

Medina, Juan Ruiz de, *El jesuita Alessandro de Rhodes en Cochinchina y Tonkin (1591-1660)*, in "Revista de Cultura", Lisboa, 1999, pp. 23-49.

Louvet, L. E., *La Cochinchine religieuse*, vol. 1, Paris, Challamel Aue, 1855.

Mailla, Joseph-Anne-Marie de Moyriac de, “Storia generale della Cina”, Gaubil, P. Antoine, *Notice historique sur la Cochinchine e Mémoire historique sur le Tong-king*, in *Lettres édifiantes et curieuses*, Tomo XXI, 1669-1748.

Marini, P. Giovanni Filippo de, *Relazione delle Missioni de padri della Compagnia di Gesù nella Provincia giapponese e precipuamente nel Regno di Tunchino*, Roma, Stamperia, 1663.

Mercati, Angelo, *Notizie sul gesuita Cristoforo Borri e su sue ‘inventioni’ de carte finora sconosciute, il pellegrino*, in “Acta”, n. 15, 3, Roma, 1953.

Montezón, F. de e Ed. Estéve, *Mission de la Cochinchine et du Tonkin*, Paris, Charles Dounoil, 1858.

Mourão, Isabel A. Tavares, *Portugueses em terras do Dai-Viêt (Cochinchina e Tun Kin) 1615-1660*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2005.

-----, *Aspectos da presença portuguesa na Cochinchina e no Tun Kin (Vietname)*, in “Os portugueses e o Oriente” coord. Rosa Maria Perez, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2006, pp. 255-273.

O’ Neill, Charles E. S.J. e Domínguez, Joaquín Maria S.J., *Diccionario Histórico de la Compañia de Jesús, Biográfico-Temático*, Roma-Madrid, Institutum Historicum S.I. e Universidad Pontificia, 2001.

Padres da Companhia de Jesus, *Noticias Summarias das perseguições da missam de Cochinchina, principiada e continuada pelos Padres da Companhia de Jesu*, Lisboa, Officina de Miguel Manescal, 1700.

Polgár, László S.J., *Bibliographie sur l'histoire de la Compagnie de Jésus 1901-1980*, vol. III, Roma, Institutum Historicum S.I., 1990.

Rossi, Gabriele M. S.J., *Martiri Tonkinesi del 1723*, Napoli, Tipografi e libreria Pontificia, 1914.

Roy, Parama, *Indian traffic. Identities in question in colonial and postcolonial India*, Berkeley, University of California Press, 1998.

Said, Edward W., *Orientalism. Western conceptions of the Orient*, London, Routledge and Kegan Paul, 1978.

-----, *Culture and Imperialism*, New York, Vintage books, 1993.

-----, *Yeats and decolonization*, in “Nationalism, colonialism and literature”, Minneapolis-London, University of Minnesota Press, 2001, pp. 69-95.

Santagata, P. Saverio, *Istoria della Compagnia di Gesù appartenente al Regno di Napoli*, Parte Quarta, Napoli, Stamperia di Vincenzo Mazzola, 1757.

Santos, D. Maurício Gomes dos, *Vicissitudes da obra do P. Cristovão Borri, “Anais”* – Academia Portuguesa de História – n. 3, Lisboa, 1951, p. 119-150.

Schütte, Joseph Franz, S.J., *Monumenta historica japoniae I, Textus Catalogorum Japonia, 1549-1654*, Roma, Monumena historica Societatis Iesu, 1975.

Sebastião, Pedro, *O português na base escrita do vietnamita*, 26 de maio de 2011, disponível <http://www.instituto-camoes.pt>

Sommervogel, Carlos, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, Bruxelles-Paris, Société Belge de Librairie, 1895.

Tana, Li, *Nguyễn Cochinchina, Southern Vietnam in the seventeenth and eighteenth centuries*, Ithaca, New York, Southeast Asia Program Publications, 1998.

Taylor, Keith, *Regional conflicts among the Viet people between the thirteenth and nineteenth centuries*, in Seminar “La conduit des relations entre societies et états: guerre et paix en Asie du Sud-Est”, Paris, SAPP, 1996, pp. 6-11.